


LETRAMENTO LITERÁRIO: AS OBRAS MARANHENSES NA FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-083>

Data de submissão: 09/10/2024

Data de publicação: 09/11/2024

Bruna Rafaelle Castro de Oliveira

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

E-mail: brunacastro20@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8398461805473570>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3309-4385>

Samuel Luis Velázquez Castellanos

Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

E-mail: samuel.vcastellanos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5639830901440817>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0849-348X>

RESUMO

Neste artigo aborda-se o letramento literário na educação básica no Brasil, especificamente da 3ª série do ensino médio e a formação do leitor literário via ensino da leitura a partir de obras maranhenses. Analisam-se as concepções de letramento literário a partir de Cosson (2014) e Candido (1998, 2004), assim como seus procedimentos e sua relevância para o ensino da leitura e a formação literária dos alunos. Aborda-se o conceito de leitor literário, além de esclarecer como se dá a formação do aluno leitor, destacando-se o que distingue um leitor em formação de um leitor literário. Discute-se o uso das obras maranhenses no ambiente escolar no estado do Maranhão em função da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular Territorial Maranhense - DCTM (2018), além de destacar-se como essas obras têm papel fundamental na formação do leitor a partir da construção de um sentimento de pertencimento. Conclui-se que o estudo do uso das obras maranhenses para a formação do aluno leitor serve como instrumento de preservação literária, desempenhando um papel fundamental na concepção de consciência nacional e na manutenção da cultura escrita.

Palavras-chave: Literatura, Ensino da leitura, Formação do leitor literário, Literatura maranhense.

1 INTRODUÇÃO

O letramento vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas, uma vez que colabora com as interações sociais. Entender como as habilidades de leitura, compreensão, interpretação e interação com os textos são aplicadas em situações práticas e de que modo essas inclinações interferem em suas ações é imprescindível quando se considera a leitura como uma das competências básicas e essenciais para o desenvolvimento intelectual do aluno, além de fundamental para que este jovem leitor em formação atue de maneira efetiva, consciente e crítica da sociedade em que vive.

Este artigo sobre letramento literário, dando ênfase aos desafios da formação do aluno-leitor, ao mesmo tempo em que procura estreitar a relação entre letramento, enquanto estratégia de formação leitora, e o uso de textos literários como recurso metodológico, a partir de obras de autores maranhenses que visem fomentar a prática da leitura no ensino médio, esta proposta está em consonância com o que é definido na BNCC: apresentar a literatura como componente curricular da Língua Portuguesa, transversalizada em todas as disciplinas da Área de Linguagem que giram em torno de três habilidades a serem desenvolvidas: a apreciação, a fluidez e a crítica literária (Da Silva, 2022)

Logo, nossa problemática se baseia em analisar até que ponto o ensino de leitura via obras maranhenses, mediado pelo professor de Língua Portuguesa tem influenciado nas práticas de leitura e na formação do leitor literário nas turmas de 3º ano do ensino médio da Escola C. E. Nina Rodrigues? Nessa linha de raciocínio, entendemos que o estudo a respeito da leitura dessas obras no contexto escolar representa, antes de tudo, uma oportunidade de repensar a prática docente, e como esta é capaz de colaborar com a formação do leitor literário, quando o professor elabora estratégias de acesso e de leitura que extrapolem o sentido do texto literário, tornando-se o aluno o sujeito do ato de ler (Freire, 2011).

Partindo do pressuposto de que o letramento é um conjunto de práticas sociais que extrapola o mundo da escrita (Kleiman, 1995), objetiva-se entendermos como as concepções teórico-metodológicas, na perspectiva do letramento e das práticas de leitura, podem oportunizar um direcionamento que permita a aproximação do aluno com a leitura literária, sempre que esteja em concordância com os documentos que orientam as práticas pedagógicas e ressignificam o ensino de literatura maranhense, como a BNCC e o Documento Curricular do Território Maranhense.

Se fez uso da pesquisa-ação, pelo caráter interventivo da investigação, pois possibilitou colaborar com o trabalho pedagógico, através da interação com o professor de Língua Portuguesa da 3ª série do ensino médio e a coordenação pedagógica da escola CE Nina Rodrigues, para além da reflexão sobre a prática educativa, propondo ações que respeitem as condições e limitações dos envolvidos, em função das verdades e interesses locais” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). As pesquisas

bibliográfica e documental foram acionadas, para além da observação, a entrevista e as elaboração e sequências didáticas que direcionaram a análise e reflexão; autores como, Soares (2009) em função da leitura e do letramento, Cosson (2014) e e Candido (1998) no que diz respeito a letramento literário e literatura foram mobilizados; para além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular do Território Maranhense (DCTM) como documentação em análise que auxiliou no entendimento do letramento literário e do uso da literatura na formação de leitores.

O artigo se divide em três partes, na primeira o Letramento literário: concepções e procedimentos' se apresentam e discutem concepções ao respeito fundamentando-nos em Cosson (2010; 2014) e Paulino (2007), que nos permitem analisar o letramento literário em diferentes perspectivas. Já n'A formação do leitor literário se discute como se dá a formação do aluno leitor e como as obras literárias cumprem um papel fundamental nesse processo, levando-se em conta os posicionamentos de Zilberman (2009), Chartier (2009) e Lajolo (1982); isto é, a busca por um sujeito que não só seja capaz de ler e compreender, mas também consiga reconhecer a obra literária enquanto objeto de cunho social. E por fim, n'O estudo de obras maranhenses na construção do aluno leitor são apresentadas obras literárias maranhenses e se discute a ressonância de ditas obras na formação do leitor literário, no intuito de aproximar-se o aluno às produções emblemáticas do Maranhão, seguindo o exposto por Chartier (1990, 2001), Lajolo (1995) e Verissimo (1906); ou seja, mostrar a importância do estudo da literatura local como objeto identitário dos alunos.

Sob esse olhar, este artigo torna-se relevante, uma vez que se dedica a compreender a real posição do ensino da literatura dentro do ambiente escolar como fomentadora do letramento literário. Além disso, discute-se o processo de formação do leitor literário a partir de obras maranhenses para além do contexto escolar, visando, não só dar visibilidade aos escritores do estado, como também estimular a valorização da própria cultura maranhense.

2 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONCEPÇÕES E PROCEDIMENTOS

Apontar-se-ia aqui concepções e procedimentos acerca do letramento literário. Partindo da premissa de que letramento significa aprender a ler escrever e está diretamente atrelado às práticas sociais, o termo letramento literário, nada mais é, do que uma expansão desse conceito que se dedica unicamente à relação da linguagem com a literatura obtendo, desse modo, a leitura em seu mais alto nível de complexidade (De Souza, 2017)

A expressão 'letramento literário', começou a ser utilizado no Brasil por volta de 1999 por Graça Paulino em uma apresentação na ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa). Após o pontapé inicial acerca de seu uso, muitos outros conceitos foram surgindo ao longo das décadas. Sendo definido

no Glossário Ceale por Cosson (2014) como “o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”; o termo ‘processo’ foi escolhido para definir ato contínuo que não se encerra, e que está em constante movimento. Já o termo apropriação está relacionado ao ato ou ao efeito de tornar seu uso adequado (Oliveira, 2020). Por outro lado, o termo ‘literatura’ representa a língua em sua forma estética, e o termo linguagem corresponde à língua enquanto meio de comunicação, seja ela, no ato da escrita ou da leitura. Nesse sentido, por entendermos o letramento literário como um processo contínuo, Cosson (2014) deixa claro que o contato com obras de literatura acontece ao longo da vida do indivíduo, desde a infância, de forma não convencional com as cantigas de “ninar” (Cosson, 2014), até a vida adulta com a leitura, de forma consciente ou inconsciente, de obras literárias através de textos lidos ou nas adaptações em novelas ou filmes.

Apesar dessa colocação, o conceito de letramento literário ultrapassa o simples ato de ler obras literárias. Essa prática refere-se à capacidade do indivíduo em interpretar, compreender e construir sentido a partir da linguagem literária. É a apropriação da literatura enquanto prática social. De modo mais amplo, promover o letramento literário é oportunizar um nível mais elevado de experiência leitora, é proporcionar ao leitor uma transformação em seu caráter identitário, materializado através das palavras. Sobre o letramento literário, Cosson (2014) afirma que:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração de existência da escrita literária, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (Cosson, 2014, p.12)

Sob essa ótica, o letramento literário incorpora os mais variados sentidos, expressos por meio de palavras, cores, odores e percepções do mundo. É através da literatura que se dá a interação entre o leitor e o escritor, extrapolando a espera temporal, podendo um texto produzido há séculos, interferir diretamente na vida desse interlocutor contemporâneo. Assim, para Cosson (2006), o letramento literário é de responsabilidade da escola, visto que diferente dos outros textos cotidianos, os textos literários não circulam nos meios sociais com tanta naturalidade, seja na versão impressa ou na versão virtual, o que acaba dificultando esse contato fora da escola, precisando, portanto, dela para se concretizar.

Ademais, esse tipo de leitura exige uma disponibilidade maior de tempo, levando em conta a complexidade desse texto. Logo, sem esse intermédio, o letramento literário não consegue efetivar-se sozinho, sendo necessárias quatro características fundamentais, segundo Cosson (2014) para que seja colocada em prática: primeiro, deve-se oportunizar o contato entre obra e leitor para que o aluno seja capaz de interagir com o texto; segundo, cria-se um espaço para que sejam compartilhadas as leituras,

visando a circulação de diferentes textos; terceiro, o professor, apresenta aos alunos a mais variadas manifestações culturais, mostrando a literatura desprendida dos textos escritos; e por último, desenvolver a competência leitora “cumprindo o papel de formação do leitor literário”. (Cosson, 2014, s/p).

Logo, o letramento literário envolve uma compreensão profunda da literatura, buscando a apreciação do texto enquanto expressão artística e cultural. Pereira (2007) compara essa relação da leitura com o leitor como um jogo, que ocorre através do ritmo, harmonia e regras que envolvem disputas, tensões num espaço ritualístico de conflitos.

Assim, para Correa (2012, p. 91):

O letramento literário pressupõe a formação de leitores capazes de escolher autonomamente os livros literários que desejam ler, que transitem conscientemente pela literatura e até mesmo por outras formas de manifestações artístico-culturais intrinsecamente ligadas à literatura (como, por exemplo, as imagens que constituem livros para diferentes públicos, os projetos gráficos, as relações com o cinema, dentre outras). O letramento literário é o responsável pela promoção da leitura literária nas diferentes agências de letramento, dentre as quais a escola é uma das mais importante.

Em relação ao letramento literário no ambiente escolar, segundo Soares (2009), é dever da escola a construção de um equilíbrio entre a leitura de entretenimento e a leitura literária. Busca-se, nesse espaço, a construção de um aluno capaz de construir sentido à leitura, permitindo-lhe o poder de escolhas e de contato com as mais variadas manifestações culturais. Neste contexto, é importante ressaltar que o ensino de literatura tem um papel fulcral na educação, especialmente, quando os alunos são expostos a diferentes tipos de gêneros literários, que se estendem da poesia à prosa (Souza, 2018). Essa forma de ensino permite que os alunos explorem diferentes estilos e estruturas de texto, o que ajuda a aprimorar suas habilidades de leitura e interpretação para níveis mais avançados, além de fazer-lhes encontrar em meio as essas expressões artísticas as que mais lhe interessam, com o objetivo de fazer desse sujeito, um indivíduo apreciador literário dentro e fora da escola.

Além disso, o letramento literário promove a empatia, ao dar aos leitores a oportunidade de se colocarem no lugar de pessoas com experiências diferentes, além de deslocá-los a distintas épocas e lugares, o que enriquece a sua compreensão da diversidade humana. Como diz Chartier (1998), a leitura se torna sempre apropriação e produção de significados a depender dos sentidos e dos sujeitos envolvidos no ato de ler; além de afirmar que esse contato com as obras literárias deve acontecer de forma intencional.

Logo, reiterando acerca do papel da escola, para que o aluno se torne um leitor literário competente, é necessário que se reserve um tempo na sala de aula para tal prática, visto que é nela que essa interação predominantemente acontece, uma vez que nem todos têm acesso à arte e à literatura

em nossa sociedade segmentada, cabendo às instituições educadoras essa função (Candido,1998) evidente no texto de Candido (2004, p. 191):

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre a cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se, do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e da fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

A fim de facilitar o trabalho docente, Cosson (2014), sugere estratégias para o letramento literário que são chamadas de sequências básicas e expandidas. A primeira, apresenta quatro passos: a motivação, introdução, leitura e interpretação, que representam os primeiros contatos dos alunos com as obras literárias; e a segunda, que representa um desenvolvimento mais avançado, quando atinge os objetivos propostos no ensino médio, e estabelece por meio dos sentidos, ligações e experiências entre leitor e leitura literárias (Matos, 2017). Nesse contexto, a leitura literária não se dá pelo simples prazer de ler, uma vez que engloba um aprendizado social, e permite que o leitor consiga introduzir-se na obra e compreender além do mundo criado pelo autor, todos os significados ali presentes. A leitura de um texto literário deve despertar sensações (Cosson, 2012), despertando seu caráter humanizador.

Para tal, o letramento literário necessita de experiências significativas para que se torne um hábito e isso não deve ser imposto, mas sim apresentado de forma divertida e prazerosa, utilizando-se materiais e histórias que despertem a curiosidade e os incentivem a explorar diversas literaturas. Assim, é importante que esse estímulo comece desde os primeiros anos na educação básica para que haja uma maior familiaridade com esse tipo de texto (De Souza, 2017)

Diante das informações apontadas, não se pode afirmar que para que ocorra o letramento literário, basta que o leitor tenha desenvoltura de ler obras literárias; é necessário também que seja capaz de compreender, interpretar e reconhecer os vários sentidos do texto. Para Cosson (2014), é crucial que o leitor tenha além do conhecimento sobre a leitura literária, o conhecimento da leitura de mundo, tornando-o capaz reconhecer os significados atribuídos a ela.

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Mas o que é exatamente um leitor? De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes "literaturas" _ científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras _ existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (Azevedo, 2004, p. 114)

Logo, a partir do entendimento de Azevedo (2004), podemos considerar que leitor é mais do que apenas saber ler, é inferir através do texto seus sentidos, é atribuir-lhe significados próprios além do que estão ali explícitos, é saber distinguir os gêneros existentes e analisar suas funções, e também usar a leitura como forma de construção do conhecimento ampliando sua percepção acerca do mundo.

Se buscarmos na história da leitura sobre o processo da formação de leitores, percebemos que, além de ser o objetivo de muitas culturas, não é um problema recente, muito menos que assola somente o território brasileiro, já que, em 1984, na França, houvera uma grave crise da leitura, na qual foi constatado além do baixo nível escolar, a baixa frequência às bibliotecas e, conseqüentemente, o agravamento na edição e vendas de livros, o que levou o país no século XX, a uma grave crise da cultura escrita (Chartier, 2003).

Ao mesmo tempo, indicadores contradiziam esse fenômeno, visto que houve um aumento na prática cultural dos franceses, e na quantidade de letrados no período. Logo, chegou-se à conclusão de que a leitura já fazia parte do cotidiano de boa parte da população; porém, julgava-se agora a qualidade do que se era lido, conforme afirmava Monsenhor Gibier (1913) “Lê-se muito da nossa época. No campo quase todo mundo lê. Na cidade também todo mundo lê; os ônibus públicos estão cheios de leitores; os leitores caminham com jornal revista nas mãos”, deixando evidente que a leitura estava presente no hábito francês; no entanto, suas leituras eram julgadas com más, o que podemos concluir que somente estar letrado, não resultaria numa ascensão intelectual, pois além de ler, o indivíduo deve dedicar-se a boas escolhas em sua prática.

Quanto a isso, se mantivermos o pensamento do século passado, de que a leitura só é válida se estiver de acordo com o que é dito como leitura ideal, a formação de leitores torna-se ainda mais dificultosa, e contraria ao próprio ideário escolar que “defende a Liberdade de expressão e fustiga a tirania dos sensores”. (Chartier, 2003, p. 41), o que dificulta também o trabalho docente, principal responsável pela formação de leitores, que antes consistia em que “o professor primário ensina[sse] a ler o alfabeto, [e] o professor secundário ensina[sse] a ler literatura”, (Lanson 1925, p. 39). Essa prática mesmo pertencente ao século passado, equipara-se à função docente atual, posto que nos anos iniciais, o ensino de leitura é dedicado à alfabetização e ao letramento, enquanto os anos finais da educação básica são voltados para a introdução de estudos literários.

No entanto, o que difere o ensinar a ler literatura do século XX, e o ensino de literatura atual no Brasil, é justamente a forma como a obra literária é trabalhada em sala de aula. No primeiro, buscava-se no leitor a apreciação de uma literatura nacional e requintada, para que fosse amada e admirada; no segundo, o ensino de literatura volta-se apenas para os estudos literários, deixando de lado a leitura de obras, seja elas nacionais ou não. Todavia essa valorização da leitura literária na

França, não persistiu por muito tempo, no momento em que “a prioridade foi dada à formação científica e não mais [à] literária para selecionar elites” (Chartier, 2003, p. 46). Os próprios professores de letras encontram-se num lugar de incerteza, sendo a formação do leitor colocada mais uma vez em questão, posto que “ler, não é mais que impregnar com um texto para desfrutá-lo, mas sim para saber resumilo” (Chartier, 2003, p. 46), o que agrava ainda mais a crise da leitura literária na França do século XX, e que se reflete até a contemporaneidade.

Diante disso, fica evidente que formar um leitor não é uma tarefa fácil, ainda mais no Brasil, onde a leitura de obras literárias nunca fora um hábito nacional, e encontra-se presa às instituições escolares e ao ensino tradicional. “Embora tenhamos consciência de que a leitura literária não deva restringir-se à sala de aula, sabemos que, no Brasil, a formação do leitor literário ocorre prioritariamente na escola (Muniz, 2020), sendo está, portanto, a função dos professores, preferencialmente, nos anos iniciais da educação básica. No entanto, o contato com esse tipo de texto acaba limitando-se tardiamente, o que resulta no baixo índice de leitores literários no Brasil, conforme o gráfico do Instituto Pró-livro 5ª edição, que deixa claro os baixos índices de leitura literária dos estudantes brasileiros, em especial, dos alunos do ensino médio. Constata-se que apenas 4% leem todos os dias; 8% dos que leem pelo menos uma vez por semana; 12% leem apenas uma vez por mês; e 8% dos que leem o fazem menos de uma vez por mês; além do índice preocupante de 68% dos alunos que cursam o ensino médio e não leem obras literárias.

Gráfico 1: Frequência de leitura de livros de literatura por vontade própria, independente do suporte: por escolaridade e faixa etária¹

2019	TOTAL	ESCOLARIDADE			
		Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Sabe ler e escrever	7645	1529	1653	2695	1768
Todos os dias ou quase todos os dias	8	9	8	8	10
Pelo menos 1 vez por semana	12	8	14	13	11
Pelo menos 1 vez por mês	14	8	14	16	17
Menos de 1 vez por mês	11	7	11	12	18
Não lê	54	68	53	51	43

Fonte: disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf>.

¹ Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf

Mesmo com os índices baixos, não podemos afirmar que o jovem de hoje não lê; pelo contrário, o aluno lê cotidianamente textos dos mais variados gêneros, sejam eles notícias, fofocas e mensagens no WhatsApp, sejam Blogs, HQs, legendas e até textos mais complexos que despertam seu interesse; porém, o que preocupa aqui é justamente o que esse aluno não lê: as obras literárias. Desse modo, percebemos que a formação do leitor não está restrita somente a questões educacionais, a literatura pode ser encontrada fora do ambiente escolar, sendo, muitas vezes, apresentada em sites como o Youtube, em livrarias, shopping centers, feiras de livros (Silva, 2017), que também podem servir como motivadores e oportunizam novas experiências.

No que se refere aos agentes desse processo, outros profissionais podem ajudar na construção desse leitor, como bibliotecários, editores, autores, entre outros, conforme salienta Sanfelici e Silva (2017, p. 278): “o referido processo de formação deve ser entendido como algo não somente interno ao ambiente escolar, mas que também se encontra fora da escola uma série de motivadores, agentes e formas de contribuição e/ou interferência”. Nessa lógica, formar leitores literários na educação básica é um desafio no Brasil. Em meio aos multiletramentos, inserir a leitura de obras literárias no cotidiano desse jovem está cada vez mais difícil, haja vista que, se o número de leitores já não é significativo, quando se fala em leitores literários, o quantitativo fica pior, conforme lamenta Paulino (2007), que lhe atribui a isso o baixo índice de bibliotecas públicas, o preço dos livros muitas vezes inacessível à população, e também aos professores que nem sempre despertam o interesse dos alunos no ambiente escolar.

Acerca da formação de leitores literários, Zilberman (2012), afirma que, no ensino médio, a literatura é vista de forma errônea que acaba limitando-se à memorização de escolas literárias e autores, resumindo seu ensino a trechos descontextualizados presentes nos livros didáticos.

Sob esses aspectos, parece improvável que o ensino médio vá formar um “leitor no sentido pleno da palavra”, conforme desejam os PCN. No entanto seria desejável que o ensino médio tivesse plenamente envolvido com a política de formação de jovens leitores. [...] O acesso à leitura e ao conhecimento da literatura é um direito desse cidadão em formação, porque a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo” (Zilberman, 2012, p. 211-212)

Logo, Zilberman (2012) defende um ensino de literatura que valorize a cultura, para que o gênero deixe de ser um produto de elite, e se torne um instrumento de mudança social possibilitando ao jovem descobrir novos conhecimentos, e habilitado em “discutir as várias faces da realidade” (Paulino, 2009, p.72). Dessa forma, formar um leitor literário é tornar o indivíduo capaz de estipular seus próprios interesses, apreciar as construções artísticas e atribuir significado utilizando suas próprias estratégias leitoras no ato de ler. Além disso, espera-se que esse sujeito tenha a capacidade de

reconhecer dentro do texto a textualidade, a intertextualidade e as marcas implícitas no texto deixadas de forma proposital ou não pelo autor.

Levando em conta esses aspectos, a formação do leitor literário torna-se concreta a partir do momento que o texto sai do plano material e mistura-se ao campo das ideais, abrindo novos horizontes de conhecimento. É fazer com que esse leitor seja capaz de reconhecer os vários textos dentro do próprio texto, em sua forma mais subliminar possível. Lembrando que o letramento, por si só, já é um grande avanço educacional, porém a formação de um leitor literário supera o simples ler e compreender. A exemplo disso temos estudiosos, pesquisadores e professores que, por mais que tenham a capacidade leitora aguçada, não se dedicam à leitura de textos literários, limitando-se apenas a textos acadêmicos e científicos. Ou seja, ler textos e ser um leitor competente, não faz desse indivíduo um leitor literário. Para que haja de fato o letramento literário, é necessária uma leitura que valorize a cultura escrita tendo em vista seu caráter político, social, humanizador e estético.

Sobre a relação entre leitor e leitor literário, pode-se perceber que, no primeiro, o letramento desses indivíduos ocorre em sua total plenitude, sem o necessário uso da literatura, uma vez que são utilizadas suas capacidades leitoras para compreender textos e absorver conhecimento a partir deles; porém, no segundo, para que haja formação do leitor literário, é necessário primeiro que ocorra o letramento, uma vez que o último depende do primeiro para que seja concretizado. Desse modo, sobre os estudos acerca do letramento literário², duas concepções se distinguem e completam entre si: a leitura de literatura e a leitura literária. A primeira, tem como objetivo identificar os elementos textuais, muito utilizada no ensino de gramática, ortografia, sintaxe, entre outros. Nele são analisados elementos visíveis no texto. A segunda, parte do emocional, aqui, o texto é visto como arte, sendo necessário que o aluno contemple o “objeto artístico em sua plenitude” (Correia, 2017, p. 58).

Assim, podemos perceber que a formação do leitor literário é uma esfera ainda mais complexa, pois contribui para a formação do indivíduo e como ele age em meio à sociedade. É por meio do texto literário que os jovens terão contato com outras épocas, outras culturas, além de outras formas de viver em sociedade. Logo, essa habilidade permite que esse jovem faça uma reflexão sobre seu próprio meio social. Para Silva (2009, p. 28), são necessários dois requisitos essenciais para que ocorra a formação do leitor literário: “a motivação para a leitura e a disponibilidade de livros adequados ao leitor”, o que leva a entender que os textos selecionados, devam antes de tudo, ser pensados nos alunos e como esse tema pode ser coerente para eles, no intuito de conquistar esse leitor, despertando-lhe a curiosidade em função de seu universo pessoal e de sua individualidade.

² Paiva, Aparecida. Literatura e leitura literária na formação escolar: caderno do formador / Aparecida Paiva; Graça Paulino; Marta Passos. - Belo Horizonte: Ceale, 2006.

Leitores se formam mesmo é através de suas próprias leituras, e estas se dão em diversos espaços sociais, em diversos momentos de vida, em diversos momentos de relacionamentos humanos, em diversas circunstâncias culturais, de cunho mítico, político, boêmio, misantrópico e outros. Assim, a formação de leitores se desenvolve o tempo todo, ao longo da vida inteira, às vezes com lentidão, às vezes com dificuldades, às vezes com um ritmo alucinado e surpreendente para o próprio sujeito que se perde em suas leituras. (Paulino, 2007, p. 146).

Logo, a formação do leitor literário pode acontecer através de inúmeras maneiras, a variar do espaço e contexto em que vive, sendo a escola uma das maiores responsáveis pelo desenvolvimento dessa habilidade que ultrapassa as paredes da escola. “Formar um leitor é ir além de ler na escola, e de ler para a escola, é ler para a vida”. (Silva, 2018, p.27). Em linhas gerais, podemos afirmar que a leitura é essencial para o processo de aprendizagem e para a formação social do indivíduo, devendo ser ferramenta de mudança social, cabendo à escola e aos professores, a formação do aluno capaz de ler, interpretar e ressignificar textos literários.

Nessa perspectiva, deve-se garantir que o texto literário, no quadro de sua essencialidade e caráter interdisciplinar, tenha um papel ativo na sala de aula e proporcione espaço para uma formação leitora que coloque em primeiro plano a literatura em seus mais diversos aspectos de produção de sentido e desses sentidos construídos por cada leitor do texto literário, sejam discutidos coletivamente, de forma aberta e livre, com a mediação do professor nas aulas de português e, principalmente, nos momentos dedicados ao estudo da literatura e à prática do letramento literário. (Silva, 2020).

4 O ESTUDO DE OBRAS MARANHENSES NA CONSTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR

A literatura, como já citamos, é apresentada por meio de vários conceitos, no entanto uma representa unanimidade: a “arte da palavra”. Arte podemos entendê-la como forma de expressão na qual se bota para fora o que é sentido; e por palavra, o meio de comunicação escolhido para tal ação. Desse modo, fica evidente que à literatura cabe o papel de transformadora e humanizadora da sociedade, excluindo seu conceito antiquado de disciplina complementar da Língua Portuguesa, usada como pretexto para as aulas de gramática ou de leitura, desconsiderando seu aspecto artístico e sua relevância na construção da identidade cultural, principalmente, quando se fala da leitura de obras literárias locais.

Em se tratando da literatura no Maranhão, durante o século XIX, houve uma expansão da leitura entre a população, na qual pode ser observada em jornais e livros impressos na época, a presença de vários níveis de leitores, que variavam suas leituras entre textos mais complexos a trechos com linguagens mais populares (Castellanos, 2017). No entanto, as línguas estrangeiras (portuguesa e francesa) ainda eram muito utilizadas quando se tratava de textos escritos, sendo eles originais ou

traduzidos. Somente a partir da década de 1850, as obras produzidas no Brasil e no estado passam a ser consumidas pelo público leitor; “mediado pelo fervor nativista e pela construção de uma identidade nacional, o aumento de obras brasileiras e maranhenses escritas, produzidas, impressas, editadas, distribuídas e comercializadas é evidente”. (Castellanos, 2017, p. 92).

A partir daí, dá-se início à expansão da produção literária maranhense, ganhando destaque no cenário nacional, principalmente, no período do Romantismo, que se estendeu até um pouco mais da metade do século, por volta de 1870. Foi durante esse período de grande produção que a cidade de São Luís ganhou a alcunha de ‘Atenas Brasileira’ devido à qualidade literária de um conjunto de escritores conhecidos como “Grupo de Maranhense”, composto pela elite intelectual³ da época (Resende, 2007). Conforme reitera Neres (2010, p. 137), “homens de impressionante genialidade e intelectualidade elevavam o Maranhão a ser comparado com a mais famosas das cidades-estados gregas”.

Esse grupo romântico maranhense, que ajudou a elevar o Maranhão aos níveis intelectuais nacionais, foram autores como Gonçalves Dias, Odorico Mendes Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa, Sousândrade, Henrique Leal, Maria Firmina dos Reis, dentre outros. Esses(as) escritores(as), marcaram o início da produção literária maranhense e ganharam destaque em todo o Brasil. Mais à frente, com a literatura maranhense já um pouco consolidada e valorizada, temos novos grupos de escritores formados por Arthur Azevedo, Aluísio Azevedo, Antônio Lobo, Fran Peixoto e Nascimento Moraes que também deixaram uma produção literária artística de qualidade que serve para estudos e referências atualmente.

Em contrapartida, mesmo com a lista extensa de autores maranhenses, fica evidente uma falha no ensino da literatura, quando apenas Gonçalves Dias, Arthur Azevedo e Aluísio Azevedo são trabalhados em sala de aula, deixando marginalizados todos os outros escritores que foram muito importantes para a construção da nossa literatura local.

A partir disso, vimos a necessidade de mudar os direcionamentos das aulas de língua portuguesa a fim de mostrar que o estudo da literatura maranhense é, de fato, fundamental no ambiente escolar justamente para que não só, autores importantes do século passado caiam no esquecimento, como também, para que haja uma valorização nos próprios autores contemporâneos da região.

³ Dentre os escritores maranhenses que dirigiam jornais e fizeram ampla divulgação entre livros, jornais e folhetins cabem destacar a Sotero dos Reis e a Odorico Mendes. Sotero dos Reis foi professor do Liceu e Inspetor da Instrução Pública (1843), alcançando grande notoriedade ao publicar *A gramática portuguesa* que foi adotado em várias escolas brasileiras e totalmente esgotado na sua primeira edição entre outros títulos escritos com fins similares. Odorico Mendes sendo poeta e parlamentar, por ter traduzido as obras de Homero, Voltaire e Virgílio ficou cognominado do “Virgílio Brasileiro”. São esses homens, juntamente com José Cândido de Moraes e Silva (professor de francês, geografia e matemática), Joaquim Gonçalves de Azevedo (professor), Flávio Alexandrino de Carvalho Reis (economista e professor), Antônio Gonçalves Dias (professor, historiador e poeta), César Augusto Marques (médico, geógrafo e historiador), Antônio Henriques Leal (médico, biógrafo, crítico literário e professor), dentre outros, os constituintes da primeira geração de literatos que legaram a São Luís do Maranhão o epíteto de Atenas Brasileira. (Castellanos, 2017, 158).

Outro fator que reforça a importância da literatura, consiste na sua utilização como material de pesquisa histórica, pois é através das produções artísticas dos séculos passados que se reconhecem fatos históricos de um período, questões políticas e comportamentais de uma sociedade, trazendo-nos esses aspectos numa perspectiva mais subjetiva, diferente das informações que se encontram em jornais ou documentos da época. Como por exemplo, *O mulato* de Aluísio Azevedo (1881) que traz de forma clara como eram os costumes da sociedade maranhense do século XIX e como a questão racial era tratada no período.

Logo, fica visível a importância da literatura na construção do saber, uma vez que a obra literária nada mais é que expressar em palavras a visão de mundo do autor, tendo a verossimilhança como uma característica significativa, e é a partir desse entendimento que podemos identificar seu valor identitário na sociedade. Nesse sentido, a literatura local é fundamental para o ensino, pois é através dela que se encontram registros históricos, geográficos e sociais, podendo levar o aluno a um reconhecimento enquanto parte do texto e, assim, resultando em uma maior interação entre leitor e obra.

Sob essa ótica, vê-se que a aproximação dos alunos com a literatura local é fundamental para o reconhecimento da própria cultura, o que permite que conheça toda a gama histórica de autores e movimentos locais em diversas temporalidades “percebendo a importância de sua terra para as letras nacionais, explorando os primórdios dessas manifestações no estado e sua crescente evolução” (Pereira Junior, 2020, p. 17), além de permitir que “conheça autores contemporâneos, pois a fábrica maranhense de escritores não cessou na sua produção” tendo sempre novos autores de diferentes estilos compondo nossa literatura.

Levando em consideração o que dizem os documentos oficiais acerca do ensino da literatura local, podemos perceber que há a necessidade de estratégias para a inserção de obras literárias maranhenses em sala de aula, e de uma mudança nas práticas dos professores, pois, assim como os alunos têm pouco contato com obras maranhenses, os professores, muitas vezes, acabam ficando presos aos cânones literários citados, comumente, nos livros didáticos, necessitando de um material que dê suporte e amplie a gama de autores maranhenses para se trabalhar em sala de aula.

Nessa linha de raciocínio, fica claro que o ensino de literatura maranhense deve desvincular-se dos livros didáticos como suporte, pois, neles, as obras literárias maranhenses são pouco exploradas, e limita nossa produção local a quatro ou a cinco autores reconhecidos nacionalmente, deixando de lado autores de grande valor artístico por simplesmente não serem importantes o suficiente para o resto do país ou por não terem tido a oportunidade de extrapolar os limites do estado do Maranhão.

Ainda sobre os documentos oficiais que regem o ensino de literatura no Brasil e, em especial, no Maranhão, as Diretrizes Curriculares Maranhenses serve de norte para as escolas estaduais e municipais trabalharem as manifestações artísticas locais em salas de aula. Manifestações essas que são necessárias para as vivências dos alunos e para valorização da cultura regional. Também no Documento Curricular do Território Maranhense (2018), fica evidente a necessidade de que se reflita sobre o ensino da língua portuguesa na educação básica no território maranhense, tanto em suas formas ordinárias, como em suas estruturas mais complexas; e sob essa mesma ótica, acerca da literatura, é necessário que se mostre aos alunos as manifestações culturais do estado em todos os níveis, ou seja, que sejam apresentados, tanto os cânones que compõem a elite da literatura maranhense, como também as obras mais populares locais, como exemplo a arte produzida nas toadas do Bumba Boi. (DCTM, 2018).

Diante do exposto, partindo da premissa de aproximar o aluno do conteúdo, o ensino da literatura via obras locais é importante para compreender a identidade de uma determinada região ou comunidade, uma vez que é a partir dessa assimilação que o aluno consegue posicionar-se diante da obra literária atribuindo-lhe sentido e significância ao que foi lido. Além disso, a leitura de obras locais ajuda a preservar a memória coletiva de uma comunidade e manter vivas suas tradições e suas histórias. Conforme afirma a BNCC (2017. p. X), visa-se, portanto, a construção de um sujeito capaz de “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”

Levando em consideração a necessidade de se preservar tradições culturais por meio da identificação dos alunos com as mais diversas manifestações, fica cada vez mais difícil tentar efetivar tal feito, visto que a sociedade está cada vez mais plural e, a escola sendo um fragmento dessa sociedade, acaba por constituir-se de um espaço composto por sujeitos com todos os tipos de interesses. Nesse sentido, o professor fica incumbido de utilizar das mais diversas estratégias e de todos os materiais artísticos possíveis para buscar essa identidade para a formação do nosso aluno leitor.

Nesse contexto, na sociedade pós-moderna, o sujeito é visto como fragmentado e multifacetado, sua identidade não possui apenas uma interpretação, é vista como plural, na qual suas identidades são construídas e reconstruídas na mesma rapidez do mundo contemporâneo. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada, estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p. 09). Desse modo, a identidade está intimamente ligada ao sentimento de pertencimento do sujeito na sociedade, e como ele age no mundo, e vice-versa.

Conforme afirma Coco (2019, p. 59):

o ensino da literatura regional é ainda mais importante, porque contribui para o reconhecimento e a afirmação da diferença. Pensando a literatura e seu ensino em qualquer nível, teríamos a diferença do regional frente ao nacional. [...], o regional seria definido pelo espaço do reconhecimento e da inclusão

Logo, fica evidente que a literatura regional serve como espaço capaz de criar um elo entre leitor e obra, no entanto, por comumente serem trabalhados apenas autores do século XIX, essas obras acabam por distanciar o aluno. Fatores esses que se dão tanto pela linguagem, muitas vezes, inacessível a esse aluno, quanto pela própria realidade ali representada que não condiz com a realidade desses alunos, visto que a maioria das obras trabalhadas em sala de aula são da escola literária Romantismo, na qual os autores ainda estão presos às características europeias da época.

No entanto, esse empecilho que pode ser mudado à medida que se trabalhem autores maranhenses mais contemporâneos com uma linguagem mais acessível e com uma realidade social um pouco mais próxima desse sujeito, escritores esses que acabam sendo esquecidos durante o ensino de literatura nas salas de aulas do ensino médio como por exemplo escritores como, Odilo Costa Filho, José Nascimento Moraes, Nauro Machado, Ubiratan Teixeira, João Mohana, José Neres e Bandeira Tribuzi, que com suas obras valiosas, marcaram e marcam a trajetória maranhense literária.

Conforme afirma Correa (2016, p. 21):

[...] o Maranhão figura, também, com destaque, em nível nacional e mesmo internacional, no romance, tendo como expressões máximas do gênero, romancistas como Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Josué Montello... sem deixar de dar destaque a outros nomes mais recentes, de peso, na referida categoria, como Arlete Nogueira da Cruz e Ronaldo Costa Fernandes. Diga-se de passagem, que Aluísio Azevedo pode ser considerado o primeiro romancista brasileiro, cuja obra apresenta personagens com características próprias da nossa nacionalidade, principalmente em O Cortiço [...]

Logo, a inserção de obras maranhenses nas escolas de Ensino Médio torna-se imprescindível na tentativa da construção identitária e do sentimento de pertencimento na cultura. Desse modo, com a aproximação dos alunos com as obras maranhenses resulta na preservação literária, tornando esses autores mais visíveis nessa e nas próximas gerações. Destarte, com base nessas percepções, pode-se concluir que a literatura maranhense representa a identidade cultural do seu povo ao exaltar os costumes e valores culturais da região, desempenhando um papel fundamental na concepção de consciência nacional.

5 CONCLUSÃO

Trabalhar a literatura na busca pela formação do leitor literário, em especial na educação básica, e principalmente no ensino médio, torna-se cada vez mais difícil no contexto educacional atual; mesmo

que o estudo literário esteja inserido no componente curricular da língua portuguesa, ainda se tem alguns questionamentos acerca da sua real função dentro do currículo. Sendo essas dúvidas oriundas principalmente dos próprios estudantes, tendo em vista que seu ensino, em alguns casos, prioriza a história e as correntes literárias em detrimento da leitura dos textos literários resultando numa relação equivocada entre aluno e a obra, distanciando-o cada vez mais do letramento literário.

Que o ensino da literatura é importante para a formação do indivíduo, professores e alunos estamos habituados a ouvir; no entanto, discutir como se efetiva esse ensino, e de como seu caráter humanístico afeta, não só o ambiente escolar, como também a sociedade é necessário discutir-se e se avançar, já que a prática da literatura em sala de aula possibilita que os alunos leitores em formação literária sejam capazes de furar a bolha na qual pertencem, e expandir dita prática popularizando-a, deixando de ser uma prática meramente elitista.

Assim, estudar o letramento literário, a partir de obras maranhenses, torna-se primordial à medida que se foca a prática na construção do leitor literário e se desvincula no método tradicional de ensino, que no contexto atual, tem se tornado falho. Lembrando que essa construção vai para além da formação de um aluno que lê, mas sim, de um jovem que via leitura de obras literárias seja capaz de inserir-se numa comunidade, compreender suas manifestações artísticas e manipular seus instrumentos culturais.

Logo, dedicar-se a estudar a relação estabelecida ou por estabelecer-se entre os estudantes e a leitura de obras literárias, assim como entender de que forma se dá o ensino da leitura e da literatura nos novos contextos educacionais pode favorecer o processo do letramento literário desses jovens e, conseqüentemente, na formação desse leitor literário. Destarte esperamos que com este estudo acerca do letramento literário e da formação leitora a partir de obras maranhenses possa ser utilizado por outros educadores que promovam uma leitura significativa por parte dos alunos e uma valorização da literatura maranhense.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, p. 38-47, 2004.

AZEVEDO, Roberta Adalgisa Gê-Acaiaba de et al. Projeto de letramento: o ensino da leitura e da escrita como práticas emancipadoras no nono ano do ensino fundamental II. 2019.

BALSAN, Silvana F. de S. Estratégias de leitura & Solé: reflexões sobre formação leitora. Leitura em literatura e revista, 2010.

BARREIROS, Patrício Nunes; DE SOUZA, Wiliana Coelho. Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a literatura de Juazeiro-BA. A Cor das letras, v. 16, n. 1, p. 70-90, 2015.

BARRETO, R. G. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, p. 1181-1201, 2004.

BARTHES, Roland. Aula. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BATISTA JÚNIOR, José; PEIXOTO, Gercivaldo; SATO, Denis. Práticas de ensino de língua portuguesa no ensino médio: letramento, tecnologias digitais e protagonismo juvenil. Teresina: Letras em Revista, 2018.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC. Caderno de Língua Portuguesa. Ministério da educação. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsite.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2023.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

_____. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1988.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. Práticas de leitura no Maranhão na Primeira República: entre apropriações e representações. 174f. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação) –Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

CASTELLANOS, Samuel Luis V. O livro escolar no Maranhão Império. São Luís: EDUFMA, 2017

CHARTIER, Anne-Marie; BASTOS, Tradução Maria Helena Camara. Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa. Revista História da Educação, p. 35-49, 2003.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, p. 231-254, 1996.

CHARTIER, Roger. Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COCCO, Marta Helena. O LUGAR DA LITERATURA REGIONAL NO ENSINO. Revista ECOS, v. 8, n. 1, 2010.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida, MACIEL, Francisca, COSSON, Rildo. (Coord.). Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20). p. 55- 69.

_____. (2014). Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014

DA SILVA, Polyana Batista; DE SOUZA, Paulo Vítor Souza; DE SOUZA FREIRE, Fátima. Observação como técnica de pesquisa qualitativa: panorama em periódicos contábeis brasileiros. In: 4th UnB Conference on Accounting and Governance & 1º Congresso UnB de Iniciação Científica-CCGUnB. 2018.

DE SOUZA, Renata Junqueira. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. PEDAGOGIA, p. 205, 2017.

DE SOUSA JÚNIOR, Michael Gouveia. CONCEPÇÕES DE LEITURA E A PRÁTICA DE ENSINO DE UMA PROFESSORA, editora realize, 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA14_ID403_01072015221513.pdf. Acesso em 10/10/2020

FERREIRA, Ana Estela. Práticas de leitura no ensino médio: estratégias, táticas e modos de resistência. 2023.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. Trad. Horácio Gonzales et al. São Paulo: Cortez, Campinas: Autores Associados, 1985.

FREIRE, Paulo et al. A importância do ato de ler. 2003.

FREIRE, Paulo. O partido como educador-educando. 1988.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARANHÃO. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: FGV Editora, [2019]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ma.pdf. Acesso em: 08/08/2024

MUNIZ, Aline de Assis Rodrigues do et al. Práticas de leitura por meio de oficinas literárias no ensino médio. 2020.

NERES, José (org). Tábua de papel: estudos de Literatura Maranhense. São Luís: Café & Lápis, 2010

OLIVEIRA, Â. A. et al., Leitura na escola: espaço para gostar de ler. Instituto de Ensino Superior I da FUNLEC-IESF. Disponível em <https://docplayer.com.br/7494522-Leitura-na-escola-espaco-para-gostar-de-ler.html>

OLIVEIRA, Antonia Sergiana Tavares de. Letramento literário e escolarização-limites e possibilidades. 2020.

PAULINO, Graça. Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética. Literatura e letramento: espaços, suporte e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PAULINO, G; COSSON, R. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. São Paulo: Global, p. 61-81,2009.

RESENDE, Rafael Serra. DA ÁGORA AO PANTHEON: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 4, n. 4, 2007.

SILVA, Luciana aparecida de Paula. Letramento literário na escola: adaptação dos clássicos na formação do leitor literário, UFMG, Profletras, 2017.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. Anais do evento PG letras, v. 30, p. 514-527, 2005.

SOARES, Magda. Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento. Brasília, DF: 11 INEP; Santiago: REDUC, 1989

SOARES, Magda. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia (orgs.). A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista brasileira de educação, p. 5-17, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2002

SOUZA, Renata Junqueira. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. PEDAGOGIA, p. 205, 2018.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2012. 148

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação).